

Estreia. De *Os Sopranos* para o *bas-fond* de um Cais do Sodré falado em inglês. Bruno de Almeida volta a filmar Michael Imperioli e outros atores da mítica série em *Cabaret Maxime*, o mais nova-iorquino dos filmes portugueses, com estreia marcada para hoje. O DN juntou-os numa conversa na noite de Lisboa e amanhã faz-se a festa do filme

Bruno de Almeida “Odeio o ‘novo cabaret’, cheio de truques retro”

RUI PEDRO TENDINHA

Um par provável: o realizador Bruno de Almeida e o ator americano Michael Imperioli. Depois de *Em Fuga* (1999) e *The Lovebirds* (2007), juntam-se em *Cabaret Maxime*, história de uma família das artes do *cabaret*. Entre eles sobra uma cumplicidade que é também “família” de um certo tipo de cinema e de uma maneira de estar na vida. Conheceram-se em Nova Iorque nos anos 1990 e desde aí tornaram-se amigos para a vida e para o cinema.

Conhecem-se desde os tempos em que o Bruno vivia e filmava em Nova Iorque. Por que razão trabalham tão bem juntos?

Bruno de Almeida (B.A.) – Porque o Michael é o meu ator preferido. Eu, ele, o John Ventimiglia e mais uns quantos formámos um grupo de amigos. Quero sempre trabalhar com eles, sobretudo porque não me vejo como aqueles realizadores que escrevem os seus filmes e depois fazem um *casting* para achar o seu elenco. Deveria estar no teatro, pois gosto é de trabalhar com uma *troupe*. Não sou um artista a solo e trabalhar assim é como estar numa banda. Mesmo a escrita passa pela colaboração... E depois há a improvisação dos atores. Por exemplo, este é o terceiro filme com o Imperioli, mas com a Ana já foram quatro e com o Ventimiglia seis. As coisas comigo são assim. Somos um grupo orgânico.

Michael Imperioli (M.I.) – E, ao longo dos anos, o Bruno ficou melhor. Nos anos 1990 nunca tinha conhecido ninguém mais cinéfilo do que ele...

Quando estão no *plateau* a trabalhar sentem-se em família?

M.I. – Sim, em família. Eu e o Bruno temos uma colaboração artística. Só o Bruno poderia fazer este filme. É tão cinema nova-iorquino como cinema português. E o que é mesmo impecável é que tem tudo o que ele sempre cultivou: todo o seu amor pela música, o envolvimento no *Maxime*, a ligação ao Manuel João Vieira e o fascínio pelo Cais do Sodré, que aqui não é filmado como um lugar *cool*. **Mas há um fascínio genuíno pelo *cabaret* e o seu universo...**

B.A. – Sim, mas o que me atrai mesmo são sociedades que funcionam em cir-



Michael Imperioli (à esquerda) e Bruno de Almeida juntaram-se num restaurante em Lisboa para falar do filme

culos fechados. Quando fiz os filmes com fado, o que me atraía era aquele mundo com as suas regras próprias e o mesmo com o *boxe*. Estou sempre à procura de uma certa verdade.

M.I. – Pois, mesmo o burlesco.

B.A. – Sim, o burlesco. E não pensem que gosto assim tanto de *cabaret*, é uma outra coisa. Aliás, odeio o “novo *cabaret*”, cheio de truques retro. Não, gosto é do *cabaret* da velha escola, que tinha vida e que não era estudado. O que era engraçado no *Maxime* da Praça da Alegria é que o Manuel João Vieira criou um mundo onde era possível incluir *rock’n’roll*. A banda *punk rock* do Michael tocou lá em 2006 pela primeira vez.

M.I. – Era um sítio que tinha uma atração e uma qualidade romântica muito *sexy*, ou seja, uma decadência muito fixe.

B.A. – Tinha uma coisa muito real. Nunca fui bem o dono, era um sócio do pon-

to de vista criativo. Diverti-me muito naqueles tempos e nunca pensei no aspeto de caçar histórias.

M.I. – OK, mas fazia parte de um centro de criatividade artística. Devo dizer que também não sou um fã por aí além de *cabaret*.

Michael, por certo, depois do sucesso de *Os Sopranos*, foi vítima de *type cast*, isto é, começou a ser visto apenas para um determinado tipo de papel...

M.I. – Sim, mas é preciso lutar contra isso. Se é para ser identificado muito com um papel é bom que seja com algo como *Os Sopranos*. Fico feliz com isso... Na verdade, é preciso tomar uma decisão. Poderia ter escolhido fazer mais papéis de *gangsters*, mas como ator é necessário procurar outras coisas e fazer filmes como *Cabaret Maxime*.

Tomar riscos?

M.I. – Exato. No meu caso, esse *type cast* aconteceu porque sou ítalo-ame-

PERFIL

▶ O ator Michael Imperioli nasceu em 1966 em Mount Vernon.

▶ O realizador Bruno de Almeida nasceu em Paris em 1965.

▶ Entre as várias colaborações entre ambos está o filme de 2007 *The Lovebirds*.

ricano e de Nova Iorque... É preciso continuar a resistir e a provar em cada filme o nosso valor.

Bruno, este filme saiu-lhe do pelo. Desta vez, além de o escrever e de o dirigir, também o produziu...

B.A. – Alguém tente filmar com tigres reais... Só lhe conto uma história: o homem que tomava conta da tigre-fêmea que vemos no filme, na véspera de rodarmos, conta-me que estávamos com um problema: ela estava com o período! A equipa não quis estar lá naquele momento e fui eu quem foi para trás da câmara filmar apenas com a ajuda da assistente de imagem! Esse é o espírito do verdadeiro cinema independente. E o Michael ajuda como produtor, se eu começava a gritar, ele punha-me na ordem e avisava-me para eu não gritar para a equipa de rodagem...

OPINIÃO

Nostalgia
em 35 mmJOÃO LOPES
CRÍTICO

O filme *Cabaret Maxime* foi rodado em película de 35 mm (com uma admirável direção fotográfica de Lisa Rinzler). Nestes tempos de adoração beata do digital, digamos que se trata de uma opção com o seu quê de insensato. Na verdade, quase todos os ventos que sopram na indústria tendem a celebrar os formatos digitais como uma espécie de futuro obrigatório, porventura redentor. Claro que a história recente do cinema já contém muitos e fascinantes exemplos de fotografia digital. O que não impede que haja militantes nostálgicos como Bruno de Almeida que não abdicam das potencialidades criativas da película (Martin Scorsese é outro desses militantes, pelo que não parece possível reduzir a questão a uma banal teimosia de alguns perigosos intelectuais). *Cabaret Maxime* é, afinal, um filme apaixonado pela matéria – da vibração das superfícies à espessura dos cenários, das rugas do guarda-roupa às texturas infinitamente plúrais da pele dos seres humanos. E talvez resida aí a sua essencial “mensagem”. A saber: a possibilidade de regressar a um cinema que não dependa de corpos virtuais, em continuadas transfigurações digitais, um cinema que se interesse pela verdade irreduzível da presença humana. Dito de outro modo: um cinema que não esqueceu a paixão que pode envolver o trabalho de um ator ou uma atriz em frente do olho gelado de uma câmara de filmar. Talvez por isso, *Cabaret Maxime* projeta-nos num mapa desconcertante: por um lado, reconhecemos os sinais emblemáticos do Cais do Sodré; por outro lado, tudo acontece numa terra de ninguém, à maneira de um velho filme de “série B” de Hollywood. Será preciso acrescentar que é uma fábula sobre a ancestral solidão que acompanha cada homem e cada mulher? E que isso envolve também um obstinado romantismo?





Diário de Notícias

CABARET MAXIME
BRUNO DE ALMEIDA
E MICHAEL IMPERIOLI
DESVENDAM FILME
NO BAIRRO ALTO PÁGS. 28 E 29



CIMEIRA EM LISBOA
VERDADE, PODER E DINHEIRO:
OS DESAFIOS DO JORNALISMO
EM DEBATE
 PÁG. 27

QUINTA-FEIRA | 31.5.18 | WWW.DN.PT

Ano 154.º
 N.º 54 462
 1,20 euros

Diretor Ferreira Fernandes Diretora executiva Catarina Carvalho
 Diretor adjunto Paulo Tavares Subdiretores Joana Petiz
 e Leonídio Paulo Ferreira Diretor de arte Pedro Fernandes

Aeroporto esgotado: até já há filas para sair

Turismo. Aumento dos voos e verão à porta criaram um congestionamento inédito na zona de saídas do aeroporto de Lisboa. ANA pressionada a fazer obras. PÁGS. 4 E 5

MULHERES
 DOMINAM MAS
 CONTINUAM A
 GANHAR MUITO
 MENOS DO QUE
 OS HOMENS

PÁGS. 8 E 9

CONCERTAÇÃO SOCIAL

Estágios afinal vão contar para período experimental

PÁGS. 12 E 13

POLÍTICA

Chumbo da eutanásia evitou guerra contra Rui Rio no PSD

PÁG. 6

ECONOMIA

Chuva e menos carros fizeram abrandar o crescimento

PÁG. 14

CONFLITO

Morte de jornalista russo foi uma encenação da Ucrânia

PÁG. 23

SPORTING

Dúvidas de Ancelotti deixam Patrício na rota do Wolves

PÁG. 31



MERKEL E COSTA ENTRE O INVESTIMENTO DA BOSCH E O PASSEIO À BEIRA-DOURO PÁGS. 2 E 3



ESTA SEXTA
O QUE FARIA COM

€74 milhões



Lisboa, maio, 2018. www.jogosantacasas.pt
 Prémios pagos à maioria de 18 anos | Linha Direta Jogos 808 202 371 (de 9h às 21h)
 Os prémios atribuídos de valor superior a €5.000 estão sujeitos a imposto de selo à taxa legal de 20%, nos termos da legislação em vigor.